

## GÊNEROS ORAIS NA SALA DE ALFABETIZAÇÃO: PARLENDAS\*

### ORAL GENRES IN THE LITERACY CLASS: *PARLENDAS*

Carla Rhaisa Gonçalves BESERRA\*\*  
Josiane Paula RODRIGUES\*\*\*

**RESUMO** – Este trabalho aborda o uso dos gêneros orais na sala de alfabetização, especificamente as parlandas. Para sua realização, foi desenvolvida uma pesquisa baseada nas observações das práticas de ensino, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola Estadual que participa do projeto “Ler e Escrever” desenvolvido pela Secretaria Estadual da Educação. Este artigo tem como objetivo dar uma pequena contribuição para a análise do suporte de gêneros orais, com ênfase no uso das parlandas em sala de aula. Realizou-se pesquisa bibliográfica, a partir de algumas concepções de ensino e aprendizagem, abordando o uso da oralidade e escrita, as quais fornecem fundamentos teóricos para o presente estudo, que busca estabelecer relações entre teoria e prática no uso dos gêneros orais na sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** alfabetização; oralidade; parlandas.

**ABSTRACT** – This work discusses the use of oral genres in literacy classroom with emphasis on *parlenda* (*rimes*). For this, a survey was developed based on observations of teaching practices in a class of a 2nd year Elementary Public School that participates in “Ler e Escrever” project, developed by the State Secretary of Education. This work aims to give a small contribution to support the analysis of oral genres, with emphasis on the use of *parlandas* in classroom. We realized a bibliographical research, considering some conceptions of teaching and learning, addressing the use of oral and written language, which provide theoretical foundations for the study, which seeks to establish links between theory and practice in the use of oral genres in the classroom.

**KEYWORDS:** literacy; oral language; *parlandas*.

---

\* Este artigo foi elaborado a partir das leituras e pesquisas baseadas no Projeto Bolsa Escola Pública e Universidade na Alfabetização, do Governo do Estado de São Paulo.

\*\* Aluna do segundo ano do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNESP, que desempenha função de aluna pesquisadora no projeto “Ler e Escrever”

\*\*\* Aluna do segundo ano do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNESP, que desempenha função de aluna pesquisadora no projeto “Ler e Escrever”.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuramos estudar como são trabalhados e explorados os gêneros orais na sala de alfabetização, a partir da premissa de que

[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas e gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formais nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2001, p. 25).

Partindo de estudos dos fundamentos teóricos de gêneros orais e de experiências vividas na sala de alfabetização, procuramos relatar aqui como e com quais objetivos tais gêneros são trabalhados ao se utilizar os gêneros orais na sala de aula, mais especificamente, as parlendas, gênero conhecido popularmente, aos quais as crianças têm acesso antes mesmo de integrar em uma instituição escolar.

Por ser um gênero popular, o trabalho com este se torna mais fácil, uma vez que é provável que a criança tenha contato com ele em diferentes situações cotidianas e, na escola, a criança entra em contato novamente com a parlenda, agora por meio também da escrita, partindo daquilo que é já conhecido (oral) para o pouco conhecido (escrita). A finalidade do trabalho com gêneros orais na sala de alfabetização infelizmente ainda está voltada unicamente para a escrita, ou seja, partindo da escrita, cujo domínio a criança ainda não concretizou, para a fala, capacidade já adquirida por crianças em processo de alfabetização.

## 2. TEORIA DE APOIO

A construção da linguagem ocorre em um processo de aproximação sucessiva com a fala do outro. Muito antes de entrar na escola, a criança tem muitas experiências com o universo linguístico. Ela escuta histórias, participa de conversas com pessoas próximas, escuta músicas, vê TV, entre outras situações cotidianas de linguagem; através desses mecanismos, a criança vai construindo a estrutura da linguagem oral.

De acordo com a pesquisadora Lima (2008, p. 24):

A linguagem oral não consiste apenas em memorizar sons e palavras.  
A aprendizagem da fala pelas crianças não se dá de forma

desarticulada com a reflexão, o pensamento, a explicitação de seus atos, sentimentos, sensações e desejos. A análise de Vygotsky sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem no campo da aquisição da linguagem nos leva a definir que o desenvolvimento caracteriza-se por um processo natural e a aprendizagem se apresenta como um meio que fortalece esse processo, através dos instrumentos criados pela cultura que ampliam as possibilidades do indivíduo e reestruturam suas funções mentais.

No universo da oralidade, que envolve contos, lendas, adivinhas, ditos populares, as parlandas refletem os costumes e o saber de um determinado lugar. Portanto, são elementos valiosos que necessitam ser reconhecidos e vivenciados nas instituições escolares.

Durante muito tempo, pensava-se que ser alfabetizado era conhecer o código linguístico, ou seja, conhecer as letras do alfabeto. Atualmente, sabe-se que, embora seja necessário o conhecimento das letras, ele não é suficiente para o indivíduo ser competente no uso da língua escrita. Convivemos, por muitas décadas, com três tipos fundamentais de métodos de alfabetização: os sintéticos, analíticos e os analítico-sintéticos. Embora haja divergências entre os três, todos concebem a aprendizagem do sistema de escrita alfabética como uma questão mecânica, uma técnica de deciframento. A concepção tradicional de alfabetização acreditava que se aprendia a ler e a escrever memorizando sons, sílabas e letras.

No decorrer do tempo, outras teorias sobre a linguagem escrita surgiram. Tanto os estudos de Vygotsky, quanto os de Emília Ferreiro têm muitos pontos em comum. Ambos consideram a escrita como um sistema de representação cultural, e o processo de alfabetização, como o domínio progressivo desse sistema. Para eles, a alfabetização é um processo dinâmico e ativo, não uma mera aquisição de uma habilidade mecânica que permite fazer a correspondência letra-som.

Os resultados da pesquisa pioneira de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, descrevendo a psicogênese da língua escrita a partir do referencial piagetiano, provocaram significativas alterações na fundamentação teórica do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, deslocando seu eixo de "como se ensina" para "como se aprende" a ler e a escrever. A psicogênese da escrita é caracterizada como uma descrição do processo por meio do qual a escrita se constitui em objeto de conhecimento para a criança.

Nesta concepção de ensino, é imprescindível compreender como as crianças elaboram suas hipóteses durante a aquisição da escrita. Desta forma, os possíveis erros cometidos pelas crianças não serão mais vistos como simples erros, uma vez que as crianças constroem seu conhecimento, os erros são tentativas de acertos. Esses erros são, na verdade, característicos da fase em que a criança se encontra dentro do processo da aquisição da escrita; são hipóteses que a criança experimenta ao escrever, e são estas hipóteses que darão ao professor o caminho para o estabelecimento da escrita na criança.

Destacamos algumas concepções de ensino e aprendizagem abordando o uso da oralidade e escrita, as quais fornecem embasamento teórico para o presente estudo, visto que a pesquisa busca também estabelecer relações entre teoria e prática no uso dos gêneros orais na sala de aula.

### **3. USO DOS GÊNEROS ORAIS**

O trabalho com gêneros orais permite relacionar diferentes áreas de conhecimento, se tornando uma importante ferramenta para o aprendizado e para a prática da escrita e da leitura. A partir de um meio já adquirido pelo aluno, de acordo com Shneuwly, “o domínio do oral se desenvolve, primeiramente, nas e pelas interações das quais as crianças participam” (2004, p. 150), ou seja, o trabalho com gêneros orais auxilia o desenvolvimento da oralidade dos alunos, além de estimular a interação social.

A diversidade de gêneros orais ajuda na ampliação da consciência fonológica do aluno e do seu universo cultural e no contato constante com o mundo oral. Um gênero selecionado pelo professor e trabalhado em sala de aula proporciona o surgimento de outros gêneros, criados pelos alunos, relatos de experiências e vivências. Segundo Marcuschi (2005, p. 35): “O trabalho com gêneros é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos, no dia-a-dia. Pois nada que fizemos linguisticamente está fora de ser feito em algum gênero”.

Cabe ao professor alfabetizador procurar colocar os alunos em diferentes situações em que eles possam utilizar, de maneira espontânea, a oralidade. Nesta

perspectiva, Shneuwly (2004, p.157) fala que a oralidade espontânea é vista de maneira fragmentada, pois a sua utilização é restrita para a origem da escrita.

Ainda ressalta Schneuwly (2004, p.162):

[...] oral é objeto de avaliação e de normas sociais que estão sempre referenciadas na escrita, o que obscurece bom número de características da comunicação oral. Finalmente, ressaltamos que a comunicação oral se desenvolve não somente no plano verbal e vocal, mas também no plano gestual.

Neste trecho, um importante aspecto a ser ressaltado para o professor é que a oralidade também parte de gestos, mímicas – e não somente da fala –, que também são excelentes meios para o trabalho no desenvolvimento da oralidade.

### **3.1. O QUE É PARLENDA?**

As parlendas são expressões do povo e, como tal, nascem, acontecem e se manifestam na sociedade, em todo o seu âmbito, fazendo parte dos sistemas sociais (HEYLEN, 1987, p.151). No entanto, percebemos que, dentro da escola, ela é pouco explorada e observamos que apenas no dia 22 de agosto, data em que se comemora o folclore, é que algumas manifestações culturais por meio da parlenda são lembradas.

A parlenda é um rico enunciado lúdico pedagógico que diverte, ensina, pela sua forma rítmica, sonora e motora, uma vez que desenvolve as condições linguísticas e sócio-culturais do homem. Este texto da tradição oral é utilizado, especialmente na fase infantil, como ferramenta de interação e divertimento.

As capacidades que os profissionais da educação podem utilizar a partir de uma parlenda são variadas, como a exploração oral, rítmica, auditiva, o conhecimento cultural, a socialização através dos jogos cantados, a exploração da compreensão do sistema escrito, as aptidões artísticas.

A parlenda faz parte do universo sócio-cultural das crianças. E, no contexto educacional, ela tem papel fundamental para o seu desenvolvimento. Inicialmente, colocamos em evidência o seu valor musical, pois divertem e são fáceis de memorizar. Também consideramos uma ferramenta socializadora, pois as crianças, ao jogarem com as parlendas, interagem umas com as outras. Enfim, ela se torna uma ferramenta

importante na prática pedagógica dos educadores, uma vez que eles podem explorá-las nas diversas situações de aprendizagem, especificamente nas atividades de leitura e escrita, pois estão imersas em um contexto de letramento.

#### 4. A EXPERIÊNCIA COM PARLENDAS NA SALA DE AULA

O projeto “Ler e escrever” fornece ao professor um “Guia de Planejamento e Orientações Didáticas para o professor alfabetizador”. Este guia compõe um conjunto de materiais que são fornecidos ao professor como meio de formação continuada nas reuniões de HTPC a fim de se refletir sobre o planejamento do professor e sua atuação em sala de aula.

As atividades propostas neste guia foram elaboradas com o intuito de fornecer subsídios aos alunos por meio de situações de comunicação oral com base nos textos escritos, permitindo aos alunos aprenderem as diferenças entre narrar uma história, recitar uma poesia, e conhecer uma parlenda ou expor um texto informativo. O guia fornece orientações didáticas para o trabalho com leitura, escrita e comunicação oral, sugerindo atividades de produção oral com destino escrito.

Sobre o uso de parlendas na sala de alfabetização, o Guia propõe uma sequência didática através de texto memorizado, pois as parlendas são textos que permitem que os alunos “leiam antes de saber ler”. Isso acontece, porque as parlendas são textos que os alunos memorizam; assim fica mais fácil o acompanhamento da leitura, mesmo não sabendo fazer uma leitura convencional (decodificar as letras com o valor sonoro).

Destacamos algumas propostas apresentadas pelo Guia de Orientações Didáticas e as observações das atividades desenvolvidas pelas professoras nas salas de alfabetização, utilizando as parlendas no processo de leitura e escrita.

As atividades de leitura das parlendas realizadas pelo professor são o primeiro momento em que os alunos terão contato com o texto escrito, por isso é fundamental que o professor explore a parlenda quanto ao seu tema, suas rimas, forma e sentido. É importante também que o professor alfabetizador faça uma leitura utilizando um cartaz onde a escrita deverá estar presente, mostrando para os alunos o que está lendo para que eles possam fazer a relação entre som e letra. Desse modo, os

objetivos dessa atividade é refletir sobre o sistema de escrita e estabelecer relação entre a fala e a escrita.

As propostas de leitura realizadas pelos alunos são atividades que objetivam estimular o interesse dos alunos pelo texto para que procurem identificar o que está escrito. Em uma abordagem comumente utilizada pelos professores, após a entrega do texto aos alunos, pede-se que eles acompanhem a leitura com o dedo, ajustando o que lêem ao que está escrito. Depois, realiza-se um ditado e pede-se para os alunos encontrarem as palavras (ditadas) nas parlendas. Logo em seguida, os alunos realizam a cópia da parlenda no caderno. Nesse sentido, a proposta da leitura para o desenvolvimento do oral é pouco explorada, pois, por ser tratar de um gênero oral, deveriam ser mais abordadas as práticas orais durante a leitura do aluno.

O principal foco do trabalho do professor são as atividades escritas do aluno, que partem do oral para o destino escrito. Por meio da leitura das parlendas, a professora trabalha produção de uma nova versão para a parlenda, reescrita de parlendas, lista de parlendas conhecidas, complete a parlenda. O objetivo dessas atividades é que o aluno aprenda a refletir sobre a escrita e suas hipóteses.

## 5. RESULTADOS

Em uma atividade discutida e proposta em nossa reunião semanal com os professores orientadores do projeto Bolsa Alfabetização, trabalhamos, com as turmas que acompanhamos durante o ano, uma entrevista baseada na fábula de Esopo “A formiga e a Cigarra”. A entrevista do grilo com a formiga partia de um ponto: a rivalidade existente entre as formigas e as cigarras.

Primeiramente, houve uma preparação do ambiente, onde organizamos a sala em semicírculo e tentamos explorar a curiosidade das crianças, utilizando figuras coladas e cobertas na lousa. Ao entrarem na sala, todos os alunos ficaram muitos curiosos e atentos àquilo que iria ser apresentado. Ao revelarmos as figuras, iniciamos uma conversa em que procuramos trabalhar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero “entrevista”, sobre formigas, cigarras e grilos.

Depois de trabalhado o conhecimento prévio dos alunos, foi feita uma leitura em voz alta, em que todos estavam muito atentos. Em seguida, distribuímos cópias da

entrevista para uma leitura individual e identificação de vocábulos desconhecidos por eles. Realizamos uma terceira leitura, agora compartilhada, para a explicação dos vocabulários desconhecidos.

Prosseguindo a aula, foi desenvolvido o estudo e o reconto da narrativa, realizado oralmente pelos alunos, sempre oferecendo oportunidade para que todos pudessem falar. Logo em seguida, foi proposta a reescrita da narrativa sobre o ponto de vista da cigarra, em que solicitamos aos alunos para que contassem o que o personagem – o repórter João Grilo – poderia perguntar para a personagem Dona Cigarra e o que ela responderia. Após as devolutivas dos alunos, foram feitas anotações na lousa, utilizadas, posteriormente, para a reescrita coletiva da narrativa, seguida de cópia dos alunos.

Em continuidade, realizamos um bingo de palavras retiradas do texto, cada aluno recebeu uma cartela contendo oito palavras, e sorteamos as palavras. Como premiação, foram distribuídas cópias das figuras da Cigarra e da Formiga para que os alunos as colorissem. Todos receberam o prêmio, e os alunos gostaram bastante da atividade proposta. Também foi realizado um acróstico das palavras CIGARRA, FORMIGA E GRILO. Para a produção do acróstico, pedimos que os alunos falassem palavras que estavam de acordo com a primeira letra e com o personagem.

Não foi possível realizar toda atividade proposta no mesmo dia. No outro dia, concluímos a aula com a dramatização da narrativa. Em dupla, os alunos encenavam a narrativa da maneira que eles julgaram melhor. Todos quiseram participar, uns estavam mais tímidos; outros, mais desinibidos, mas todos muitos empolgados. Para encerrar a aula, pedimos que os alunos fizessem uma produção de texto sobre a aula, escrevendo o que mais haviam gostado da aula. Enfim, por meio dessa experiência, utilizando um único texto, foi possível trabalhar com vários gêneros orais, sem deixar de lado a escrita.

## **6. CONCLUSÃO**

A proposta da atividade com a utilização da parlenda, muitas vezes, favorece apenas a escrita. Podemos constatar isso quando o professor chega à sala, distribui textos, faz apenas uma leitura compartilhada e pede aos alunos que façam a cópia do

texto no caderno e, em seguida, pede para que os alunos identifiquem e circulem as palavras por ele “ditadas”, presentes no texto.

Cadê o toucinho que tava aqui?

O gato comeu.

Cadê o gato?

Foi pro mato.

Cadê o mato?

O fogo queimou.

Cadê o fogo?

A água apagou.

Cadê a água?

O boi bebeu.

Cadê o boi?

Foi amassar trigo.

Cadê o trigo?

A galinha espalhou.

Cadê a galinha?

Foi botar ovo.

Cadê o ovo?

O padre comeu.

Cadê o padre?

Foi rezar missa

Cadê a missa?

Acabou

O exemplo acima retrata a proposta de uma atividade em que o professor trabalhou muito pouco a oralidade das crianças e, menos ainda, o conhecimento prévio dos alunos. O professor parte de imediato para a leitura e a escrita, em que é pedido para as crianças identificar palavras na parlenda ditadas pelo professor. Esta atividade, para algumas crianças, se torna árdua, pois nem todas tiveram a oportunidade de lidar com a forma escrita daquilo que está cantando, ou seja, partindo do oral para a forma gráfica.

Com uma “simples” parlenda, é possível explorar vários gêneros, tanto orais como escritos. Vamos focar apenas nos gêneros orais, a partir da parlenda do “Cadê o toucinho que tava aqui?”. Com esse texto, pode-se trabalhar um diálogo, uma dramatização dos alunos da parlenda, explorar mais o conhecimento prévio dos alunos, criar novas versões para a parlenda; enfim, existem várias atividades que podem ser trabalhadas, o que não aconteceu na proposta de atividade observada a partir da parlenda.

Concluimos, então, que os gêneros orais nas salas de alfabetização, ao que percebemos, é muito pouco trabalhado, sendo utilizado apenas como introdução a uma atividade escrita. Parece que muitos professores desconhecem o trabalho com os gêneros orais como um instrumento prático valioso para a construção e aquisição da leitura e da escrita, seja devido a uma prática mais tradicional e à excessiva preocupação em manter 'a ordem', seja devido à preocupação exacerbada com a 'prescrição curricular', o que impede que o gênero oral seja utilizado em todas as suas dimensões e possibilidades. Devido ao pouco tempo que se disponibiliza para seguir o conteúdo a ser ensinado, não é possível fazermos afirmações categóricas.

Na nossa opinião, essa prática em privilegiar apenas a escrita acaba deixando de lado aquilo que realmente o aluno sabe ou tem interesse. Acreditamos que, dando mais espaço para a criança trabalhar a oralidade por meio de interações com outras crianças, há um estímulo maior para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos: cognitivos, físicos e psicológicos.

## REFERÊNCIAS

- BONINI, A. FURLANETTO, M. M. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino-aprendizagem*. Rev. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, v. 6, n. 3.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. Vol. 2.
- \_\_\_\_\_. *Referencial Curricular para Educação Infantil*. Brasília MEC/SEF, 1998. Vol. 3.
- FERREIRO, E. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- HEYLEN, J. **Parlenda, riqueza folclórica**: base para educação e iniciação à música. São Paulo: Hucitec/Pró-memória, 1998.
- LIMA, M. S. M. **A tradição oral no processo de aquisição da leitura e da escrita: parlenda**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Ciências e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_. **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *A produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. **Ler e escrever**: guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador - 1ª série/ Secretaria da Educação. 2. Ed. São Paulo: FDE, 2009.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, I. *Estratégias de Leitura*. Tradução de Cláudia Shilling – 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.